

AUTO DA BARCA PO INFERNO

de Gil Vicente, em quadrinhos por Laudo Ferreira

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

Copyright © Editora Peirópolis

Este conteúdo digital é parte integrante do Manual do Professor impresso – Edição especial PNLD 2021

Editora: Renata Farhat Borges

Texto: Maurício Soares *Revisão:* Mineo Takatama *Diagramação:* Fernanda Moraes



Editora Peirópolis Ltda. Rua Girassol, 310f – Vila Madalena 05433-000 – São Paulo – SP – Brasil tel.: (55 11) 3816-0699 professor@editorapeiropolis.com.br www.editorapeiropolis.com.br

SUMÁRIO

1. CARTA AO PROFESSOR	3
2. PROPOSTA DE ATIVIDADES I	4
3. PROPOSTA DE ATIVIDADES II	12
4. APROFUNDAMENTO	18
5. SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	26
6. BIBLIOGRAFIA COMENTADA	30

1. CARTA AO PROFESSOR

Caro professor / Cara professora,

Parabéns!

Você tem em mãos uma versão inovadora de um clássico da literatura portuguesa: *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente. Ainda que esse texto seja considerado por muitos alunos do Ensino Médio uma leitura de difícil compreensão, principalmente por questões referentes à linguagem empregada pelo autor, a obra em quadrinhos possibilita que os personagens ganhem vida diante dos olhos dos estudantes e tem todo o potencial para propiciar momentos de verdadeira fruição literária em sala de aula.

A linguagem apresentada no texto original, que faz uso de coloquialismos da época e estrangeirismos livremente empregados pelo autor, torna a leitura da obra um desafio para aqueles que a encaram no início do Ensino Médio. Entretanto, tais obstáculos poderão ser superados facilmente por meio do cotejo entre o texto original e os recursos não verbais utilizados na versão em quadrinhos.

A obra de Gil Vicente pode ser considerada um documento sobre a visão medieval de mundo, ainda em voga no século XVI. Mesmo sendo um autor considerado de transição entre a Idade Média e o Renascimento, Gil Vicente foi um homem que manteve um pensamento teocêntrico em suas atitudes e, consequentemente, em suas obras. O *Auto da barca do inferno* nada mais é do que a representação desse pensamento que divide o mundo entre bem e mal e estabelece a figura de Deus como centro do universo.

A crítica que o livro coloca em debate se dá pela condenação de cada um dos personagens do enredo. Um aspecto interessante da obra é a

sua atualidade. A percepção da proximidade entre algumas situações cotidianas do nosso tempo e o texto, embora este tenha sido encenado pela primeira vez no início do século XVI, é algo que costuma chamar muito a atenção dos alunos. Os personagens e as situações abordadas têm características passíveis de representar fielmente o funcionamento da sociedade contemporânea, o que significa afirmar que o homem prossegue, em suas atitudes, infringindo regras que prejudicam sua relação com o outro e com a sociedade. Dessa forma, se fôssemos julgados segundo critérios e parâmetros daquela época, provavelmente todos seríamos condenados.

É importante reforçar que, para um alcance mais amplo dos resultados esperados dessa leitura, o processo de trabalho do quadrinista também precisa ser considerado e discutido com os alunos em sala. Para isso, este material fornecerá subsídios que deixarão o professor munido de informações preciosas a respeito do assunto.

Após um primeiro contato com a obra, o quadrinista Laudo Ferreira se aprofundou no estudo dos personagens de Gil Vicente e desenvolveu uma linguagem e uma paleta de cores, em parceria com Omar Viñole, que traduzem em imagens as ideias do escritor português. O professor terá, por meio deste manual e dos vídeos explicativos, a oportunidade de acompanhar esse processo para que, ao se familiarizar com as técnicas da quadrinização, possa transmitir tais conhecimentos para os alunos durante as atividades propostas.

Em resumo, o material aqui disponível dá ao educador as ferramentas necessárias para o êxito nas tarefas pedagógicas. Nele, serão encontradas propostas de atividades, depoimentos do quadrinista e todas as explicações teóricas fundamentais para que o contato com uma obra icônica da literatura portuguesa, aqui apresentada com linguagem inovadora, agrade até mesmo adolescentes descrentes da literatura.

Bom trabalho!



Página 9 do álbum em quadrinhos.

2. PROPOSTA DE ATIVIDADES I

O trabalho de leitura de obras literárias em sala de aula não é simples. Os alunos chegam ao Ensino Médio sem que tenham internalizado o hábito da leitura e são convidados a interagir com textos que, muitas vezes, trazem dificuldades de compreensão básica. Primeiro, devido à linguagem empregada na elaboração dos textos e, além disso, pelo fato de não terem desenvolvido a maturidade leitora necessária para a fruição da obra, como é esperado que aconteça a partir do trabalho em sala de aula. Essas questões acabam por prejudicar grande parte da atratividade do trabalho com a obra e, assim, dificultam muito o desenvolvimento do interesse do estudante pelo processo de desvendar as características do texto artístico-literário, como seria desejável.

Partindo desse pressuposto, as atividades aqui desenvolvidas visam uma sensibilização do grupo de alunos antes do contato direto com a obra em questão, por meio de estímulos e exercícios de aproximação entre a realidade vivida empiricamente pelo estudante e aquela apresentada no texto literário. São as **atividades de pré-leitura**. Além disso, foram elaboradas algumas sugestões de como a abordagem da obra em si pode ser encaminhada em sala de aula, o que chamamos de **atividades de leitura**, e, por fim, propostas de avaliação e de sedimentação do conteúdo trabalhado no processo, o que constitui as **atividades de pós-leitura**.

São apresentadas duas atividades diferentes, com níveis diversos de aprofundamento e estratégias que variam, em busca de uma abrangência que seja suficiente para atender a grupos heterogêneos de alunos inseridos em realidades locais específicas. Essas atividades poderão ser utilizadas pelos professores de forma fiel ao que está sugerido neste manual ou livremente combinadas entre si, sempre com a intenção de respeitar as especificidades e as condições técnicas de infraestrutura disponíveis para tal.

Cabe reiterar ainda que, além da apresentação da obra literária, este trabalho propõe o desenvolvimento do olhar do estudante para gêneros comumente menos explorados na escola, como os quadrinhos, e também desperta o potencial de fusão entre esse gênero e outras formas de narrativa – neste caso, o texto teatral.

Primeira atividade – Quem é você nessa história? Finja e se assuma

PRÉ-LEITURA

Sensibilizar o aluno para determinado assunto é a meta de todo e qualquer professor antes de iniciar um novo tema em sala de aula. Nesta atividade, a proposta é introduzir percepções importantes para a compreensão do texto que será trabalhado, sem revelar aos alunos claramente do que se trata. A ideia é que os conceitos abordados pela obra assumam uma importância que transcenda

a mera compreensão do texto literário, concorrendo para auxiliar a formação da visão de mundo do leitor. Espera-se, portanto, que a obra se torne mais um elemento que contribua para a apuração das percepções do leitor sobre a realidade, a partir do contato verdadeiro com o conteúdo apresentado nas escolas.

A primeira etapa consiste em iniciar uma discussão em sala de aula a respeito da mentalidade maniqueísta que, muitas vezes, domina a sociedade em que vivemos. A dicotomia política existente no país, por exemplo, pode ser um dos ganchos utilizados pelos educadores na tentativa de relativizar as noções, muitas vezes radicais, a respeito de "bem" e "mal". Trata-se de uma discussão delicada e que precisa ser conduzida com muita seriedade e muito respeito às opiniões de todos os envolvidos. Algumas perguntas para alimentar a discussão seriam:

- Vocês acreditam que existem pessoas que são completamente "do mal" e outras completamente "do bem"?
- Como é possível distinguir quem é "do mal" e quem é "do bem"?
- Podem existir pessoas que não estão totalmente de um lado ou do outro? Você consegue exemplificar um indivíduo que, em si mesmo, reúna aspectos considerados "do mal" ao lado daqueles considerados "do bem"?

Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas. (EM13LGG303) Essa é uma das habilidades gerais destinadas à área de linguagens da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) do Ensino Médio que é trabalhada em discussões livres em sala de aula. Essa atividade, além de contribuir para questionamentos de cada um dos alunos, em torno de determinados conceitos, facilitará a aproximação entre a obra e seus leitores, tornando a experiência de discussão e de posterior leitura verdadeiramente transformadora.

Ainda como parte do processo de pré-leitura, cabe ao educador encaminhar a discussão no sentido de apresentar historicamente as noções de "bem" e "mal" e conduzir o aluno a ser capaz de apontar suas influências no pensamento contemporâneo a ele. Para tanto, algumas questões podem contribuir para isso:

- O que vocês acham da ideia de que algumas pessoas morrem e vão para o céu e outras vão para o inferno?
- Como poderíamos diferenciar o céu do inferno? (Neste ponto, o educador pode se dirigir à lousa e compor uma pequena tabela em que sejam organizadas separadamente as associações ao céu e ao inferno apresentadas na discussão oral, para que o aluno seja capaz de visualizar o contraste entre os dois campos confrontados.)

É importante aqui que o céu e o inferno sejam contextualizados como símbolos criados pela Igreja Católica para estabelecer determinados padrões de comportamento aos quais estamos associados até hoje. Dessa forma, outra habilidade da BNCC também estará sendo desenvolvida apenas nesse processo de pré-leitura. Trata-se da EM13LP20, segundo a qual é importante que o aluno seja convidado a compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.



A atividade chega ao fim com a apresentação do conceito de maniqueísmo, do ponto de vista de sua origem religiosa:

dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (sIII d.C. e IV d.C.), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal), em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do Bem por meio de práticas ascéticas, esp. evitando a procriação e os alimentos de origem animal.¹

Para além do discurso religioso e por extensão de sentido, maniqueísmo – ainda segundo o mesmo dicionário – pode ser entendido e explicado ao aluno como "qualquer visão do mundo que o divide em poderes opostos e incompatíveis".

Uma vez terminada a discussão e estabelecido o conceito de maniqueísmo de forma clara e associada à sua origem histórica, o educador terá uma turma devidamente sensibilizada para ser apresentada à versão em quadrinhos de Laudo Ferreira para o *Auto da barca do inferno*, clássico da literatura portuguesa de Gil Vicente.



Página 13 do álbum em quadrinhos.

Definição de Oxford Languages, disponível em: https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/

LEITURA

No momento da apresentação da obra e distribuição dos livros para os alunos é desejável que se faça certo suspense, de forma a aguçar a curiosidade do estudante para o que vai acontecer na sequência. É importante que o conceito de maniqueísmo seja retomado e isso pode ser feito por meio de determinadas perguntas-estímulo direcionadas à sala:

- O que é mesmo maniqueísmo?
- Em que momento da história do homem essa ideia foi desenvolvida?
- Que exemplos de posturas maniqueístas encontramos hoje em nosso dia a dia?

Com o livro em mãos, os alunos devem ser convidados a observarem a capa e, a partir dessa observação, a responderem a outras perguntas simples, tais como:

- Vejam o nome do livro e observem a ilustração da capa. Quem pode ser a figura representada em primeiro plano?
- Quais aspectos de sua caracterização (roupas, expressão facial, adereços do cabelo, brincos, barba) podem ser associados ao que o personagem representa?
- Por que esse personagem estaria na capa da obra?

Aqui, outra habilidade da BNCC está sendo desenvolvida, uma vez que há o estímulo para que o estudante analise uma imagem, mesmo que de forma básica e incipiente, e estabeleça relações entre a linguagem verbal e a não verbal aplicadas ao livro. Trata-se da EM13LGG103: Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

Observar a obra de forma geral antes de iniciar a leitura é um recurso para gerar curiosidade, especialmente nesse caso em que os alunos terão em mãos um volume colorido e particularmente atraente por causa dos desenhos. É interessante que o professor destine um tempo a esse primeiro momento de observação e, uma vez isso feito, passe a explicar a estrutura do texto que estão recebendo e a organizar a turma para que a leitura se realize.

O texto original de Gil Vicente está dividido em nove cenas que são marcadas por entradas e saídas dos personagens. Para facilitar essa percepção, a versão de Laudo Ferreira indica o início das oito primeiras com os nomes dos personagens que são julgados. Isso não acontece na última cena porque o DIABO (grande protagonista da peça) tem dificuldade em reconhecer os CAVALEIROS que lutaram nas Cruzadas em favor da divulgação da fé cristã. Além das nove cenas, Laudo propõe uma brevíssima introdução e também um fechamento nas últimas páginas, para que o leitor possa entender que se trata de um texto que está sendo encenado em uma casa de espetáculos.

É interessante o professor se incumbir de ler a introdução, enquanto os alunos acompanham a leitura nos livros, porque ela é suficiente para explicar a situação alegórica do juízo final, que ocorre na representação teatral em que anjo e demônio dialogam sobre o destino dos personagens. Na sequência, o professor escolhe dois alunos para que leiam as falas dos personagens FIDALGO e ANJO. A ideia é que o professor – mais familiarizado com a obra – leia as falas do personagem DIABO para poder imprimir ritmo ágil e interessante à leitura.

Se houver tempo, ao final desse primeiro momento de leitura, o professor pode chamar a atenção dos alunos para o fato de que os desenhos facilitam a compreensão de uma obra cuja linguagem é antiga e de difícil entendimento. Esse também pode ser o momento para reforçar com os alunos a informação de que o texto escrito pelo autor no século XVI está transcrito integralmente e em sua linguagem original na versão em quadrinhos.

Mais três aulas serão necessárias para que a leitura seja integralmente realizada em sala, destinando três cenas para cada uma delas e sempre lembrando aos alunos o conceito de maniqueísmo presente no texto, propondo uma interpretação para a forma como os personagens são apresentados pelo texto que dizem, mas também pelos desenhos do quadrinista.

Caso o professor não disponha desse tempo, sugere-se que ele dedique ao menos mais uma aula para a leitura

das cenas finais: CORREGEDOR e PROCURADOR, ENFORCADO e CAVALEIROS, além do encerramento criado por Laudo para a versão em quadrinhos.

A leitura compartilhada em sala de aula é uma boa opção para manter a atenção dos alunos voltada para a obra. Mudar a disposição dos alunos na sala, propondo uma leitura em roda, faz com que os envolvidos na leitura possam observar melhor uns aos outros. Se o grupo estiver engajado no trabalho, alguns alunos podem até mesmo se levantar das cadeiras enquanto leem e propor movimentos que contribuam para a interpretação do texto e das atitudes dos personagens.



PÓS-LEITURA

A ideia de avaliação em formato de prova é um tanto quanto tradicional e pode não revelar de fato o nível de envolvimento e entendimento do aluno sobre determinada obra ou assunto. Por isso, para uma atividade que tem um papel tão importante na formação do estudante e que foi desenvolvida de uma forma não convencional desde o processo de sensibilização para a leitura, a proposta de avaliação precisa seguir a mesma metodologia que coloca o aluno na condição de protagonista e que depende exclusivamente de sua construção autoral para que alcance os objetivos.

Nesta atividade, a criação de um Instagram fechado para cada um dos estudantes é a proposta para a avaliação. Algumas regras devem ser explicadas com clareza aos alunos pelo professor, que precisará também estabelecer uma data máxima para que todos estejam conectados, com suas contas abertas e em funcionamento.

Na plataforma, cada aluno deverá desenvolver um perfil em que assume as características de um dos personagens da peça trabalhada em sala. É importante que o visual da página da rede social apresente uma imagem correspondente à personalidade do personagem escolhido e que, por meio de ao menos duas postagens, sua postura e visão de mundo fiquem clara para quem as vir.

A partir desse ponto, o professor deve solicitar a cada aluno que faça mais cinco postagens em que o personagem se posicione diante de questões da vida cotidiana que serão propostas a cada aula pelo professor. Alguns exemplos de situações que poderiam ser exploradas:

- divulgação do crescente lucro dos bancos privados no Brasil,
- números que atestem o índice de desmatamento da Amazônia,
- possibilidade de liberação de padres católicos do celibato,
- suspeitas a respeito de utilização de "laranjas" para atividades ilegais,
- investigação sobre comportamentos inadequados de membros do Judiciário, etc...



Quadro das habilidades específicas da área de linguagens desenvolvidas com a realização deste trabalho:

EM13LGG303	Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, para negociar e sustentar posições, formular propostas, e intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas, que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.
EM13LP20	Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
EM13LGG103	Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

EM13LGG301	Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.
EM13LGG603	Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

3. PROPOSTA DE ATIVIDADES II

Segunda atividade – Onde está o seu inferno?

PRÉ-LEITURA

Uma das temáticas principais da obra de Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*, é a experiência pós-vida no inferno. Uma opção válida para a introdução da obra na vida acadêmica dos estudantes seria a proposta de uma roda de conversa sobre as similares e recorrentes representações de inferno.

O "mundo das trevas" é representado por roteiristas, diretores de cinema, desenhistas de quadrinhos e *designers* da mesma forma. O inferno é um lugar repleto de fogo, luzes escuras, personagens medonhos e cenas amedrontadoras.

Algumas questões que podem servir de gancho para um debate frutífero entre alunos e professor são:



- Se ele de fato existir, como vocês imaginam o inferno?
- Nas obras de arte, quantas representações diferentes vocês já viram de inferno?
- É possível descrever dois tipos de inferno completamente distintos?
- Qual a origem das representações de inferno que vemos em séries, novelas e filmes?
- Qual a relação entre religiosidade e a forma como imaginamos o inferno?

Logo após a discussão, espera-se que o responsável pela sala de aula apresente algumas obras que confirmem a semelhança entre infernos representados por diferentes artistas e explicitem alguns dos aspectos artísticos presentes durante o debate. Trabalhar no desenvolvimento da habilidade de relacionar eixos temáticos que se manifestam em obras de diferentes gêneros, como se propõe nesta atividade de pré-leitura, é parte importante dos pressupostos da nova BNCC.

Sugestão de quadro: *O jardim das delícias terrenas* de Hieronymus Bosch (c.1450-1516) imagem facilmente encontrada na internet.

A obra descreve a história do mundo a partir da criação, apresentando o paraíso terrestre e o inferno nas unidades laterais. Com temática religiosa cristã, são retratados os prazeres mundanos, considerados pecaminosos pela moral da época.

Para justificar a temática do quadro, o aluno poderia destacar os seguintes aspectos visuais: os corpos nus, entrelaçados ou em atitudes grotescas sugerindo atos sexuais, preguiça e vaidade; os frutos enormes associados na mitologia cristã ao pecado original, lascívia e desejo; os animais gigantescos e fora de seu hábitat, sugerindo um "mundo ao avesso" onde certo e errado se confundem.

Ainda como parte do processo de pré-leitura, cabe ao educador propor a criação de enquetes em redes sociais. Dessa forma, os alunos seriam capazes de utilizar um método digital para a realização de uma pesquisa de campo e confirmação do que foi debatido. Além disso, a resposta de terceiros na atividade garante uma discussão que abrange mais do que apenas a desenvolvida pelos que se encontram em sala.

Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa (EM13LP33) é uma das habilidades gerais da BNCC.

LEITURA

Para a apresentação da obra aos alunos, é indicado que o professor forme grupos na sala de aula que compartilhem os resultados das enquetes formuladas nas redes sociais. Terminada a análise dos comentários e a conclusão de similaridade entre os resultados, pode-se dar início à leitura.

Após a entrega dos livros, o educador deve propor uma leitura dividida em duas etapas. Na primeira delas, a obra seria lida em sala de aula com revezamento entre os alunos. Já na segunda etapa, a leitura deve ser feita de forma individual na casa de cada um deles.

A cada trecho lido é importante que sejam realizadas conversas com os estudantes no sentido de não apenas resumir, mas chamar a atenção para os valores transmitidos pelos personagens de Gil Vicente que precisam ser observados como registro do pensamento de um período da história do homem.

Vejamos alguns exemplos:

- Na cena do FIDALGO, é interessante chamar a atenção dos alunos para o comportamento do personagem em relação aos que o cercam e a quem considera inferiores. Identificar o traço do comportamento que define a condenação do personagem ao inferno é contribuir para o desenvolvimento do senso crítico do aluno no sentido de fazê-lo perceber quais valores eram considerados negativos e condenáveis no período da enunciação da obra. No caso desse personagem, a arrogância e o desprezo pelos mais humildes é que definem sua condenação.
- No sentido oposto, é a salvação dos quatro CAVALEI-ROS na cena final. Sob a justificativa da defesa de ideais cristãos, esses cavaleiros são aceitos no paraíso mesmo carregando nas costas centenas de assassinatos. Trata-se, mais uma vez, de um valor considerado positivo e divulgado como louvável no século XV da península Ibérica.

Trata-se da EM13LGG202, segundo a qual o estudante é convocado a analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração durante o processo de leitura em sala de aula é a linguagem empregada por Gil Vicente como recurso de caracterização de cada personagem. Alguns exemplos mais evidentes são a linguagem do PADRE, impregnada de termos da tradição católica, e a dos membros da justiça, PROCURADOR e CORREGEDOR, que se utilizam de termos jurídicos como argumento de autoridade para suas falas egocêntricas e de autopromoção.

É importante para o aluno entender a diferença entre o processo de leitura solitária, realizada em casa, e aquele que ocorre em sala de aula. Os trechos escolhidos pelo professor têm a função de atrair a curiosidade do estudante para o enredo. Assim, pode ser interessante interromper a leitura em pontos estratégicos que possam gerar suspense sobre a continuidade da narrativa.

PÓS-LEITURA

Como atividade de avaliação, a sugestão é que os estudantes apresentem algumas obras de arte que dialoguem com as representações de bem e mal expostas no quadro de Bosch. Além disso, o professor deve introduzir outros quadros que abordem a mesma temática por diferentes ângulos no repertório dos estudantes. Algumas recomendações de representações modernas de inferno seriam uma guerra ou até mesmo uma indústria em chamas. Exemplos: *Juízo final*, de Michelangelo, 1541; *Guernica*, de Picasso, 1937; *O laminador de ferro*, de Adolph Menzel, 1875.

Após todo o processo de sensibilização que passou pelo olhar investigativo na obra de Bosch, pela leitura do texto e observação dos quadrinhos de Laudo Ferreira e pela nova pesquisa e apresentação de diferentes representações do

inferno em manifestações artísticas, o professor apresenta a próxima atividade, que consistirá na montagem de pequenas cenas a partir da ideia original de Gil Vicente.

A proposta é que o aluno possa criar uma representação cênica que inclua o sistema de valores apresentado no texto lido em associação com as representações pesquisadas. Aspectos como fidelidade absoluta ao texto ou habilidade para decorar longos textos não são significativos e devem ser minimizados no processo de avaliação. O que se sugere nessa atividade é que o aluno apresente uma releitura das situações criadas por Gil Vicente com a contribuição do repertório de representações visuais recém-adquirido.



A ideia é que o aluno possa, nos movimentos de sua representação e nos objetos utilizados como apoio cenográfico, fazer menção às imagens analisadas em termos de cor, luz, sentido dos movimentos.

Com a sala dividida em grupos, o ideal é que reserve um dia para que todos se apresentem e, com sorte, possam contar com outros alunos, professores e membros da comunidade escolar como espectadores. Aprender a expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas (EM13LGG603) é uma das habilidades da BNCC que deve ser abordada pelo professor durante a avaliação.

Quadro das habilidades específicas da área de linguagens desenvolvidas com a realização deste trabalho:

EΝ	11	3L	.G	G1	10	1

Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

EM13LGG103	Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).
EM13LGG104	Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.
EM13LGG202	Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.
EM13LGG602	Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

EM13LP33	Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.
EM13LP30	Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas.
EM13LGG601	Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

EM13LGG603

Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

4. APROFUNDAMENTO

São muitas as referências na área da arte, literatura, mitologia, filosofia e até mesmo da teologia que poderiam contribuir para uma leitura mais aprofundada de o *Auto da barca do inferno* de Gil Vicente. Há uma riqueza cultural produzida no período da Baixa Idade Média em países da Europa que propõe diversos caminhos interpretativos a respeito da natureza do homem e seus questionamentos. A relação com a morte é o principal deles.

O *Auto da barca do inferno* tem a característica de reunir essa discussão central nesse cenário muito explorado e é, portanto, uma obra muito representativa. O que pretendemos neste trabalho é oferecer ao professor subsídios para ampliar o repertório de seus alunos acerca do texto e do contexto que a circunda. Para isso, escolhemos algumas obras de autores que tocam em questões semelhantes a fim de contribuir para o aproveitamento integral da leitura do texto.

DIVINA COMÉDIA, DANTE E HQ DA PEIRÓPOLIS

Dante Alighieri (1265-1321) foi quem popularizou o conceito dos pecados capitais. Em sua obra *A divina comédia*, idealizada e escrita durante o período de exílio político, ele desce os nove andares do Malebolge, um tipo de funil com valas circulares concêntricas que levavam às profundezas do inferno. Quanto mais profundo o andar, mais grave o pecado representado.

A escolha da escrita no dialeto florentino, considerado uma língua vulgar se comparado ao latim dos intelectuais, demonstra a provável intenção do autor de tornar a obra popular e mais fácil de ser compreendida – o que aumenta os aspectos de intersecção com o *Auto da barca do inferno* de Gil Vicente. Além disso, a linguagem denota também como se dariam diálogos em um ambiente precarizado como o inferno.

A numerologia também se faz presente no processo de desenvolvimento da obra de Dante. Dividida em três livros "Inferno", "Purgatório" e "Paraíso", *A divina comédia* exibe trinta e três cantos em cada um deles – exceto no "Inferno", onde consta um preâmbulo que introduz a história. Através do poema épico, grande atenção é dada aos números 3, 6, 9 e 10, inseridos muitas vezes ao longo do enredo.

Dante é o personagem principal de sua história. No canto introdutório, ele se encontra perdido em meio à selva escura e encontra Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), autor de *Eneida*, texto fundador da literatura italiana. O poeta romano clássico então acompanha Dante como guia a uma viagem pelo mundo dos mortos, que começa pela descida dos círculos do Inferno e passa pelo Purgatório, onde se encontram aqueles que se arrependeram e cujas almas podem ser salvas. Um detalhe fundamental é que o protagonista realiza toda a trajetória vivo, o que causa estranhamento nos outros, que procuram saber notícias sobre a vida terrena, contando até mesmo as suas narrativas pessoais.

Ao chegarem ao Paraíso terrestre, no qual Virgílio não tem permissão para entrar, Dante passa a ser guiado por Beatriz, amor platônico do autor, que a viu pela primeira vez quando tinha 9 anos. Conforme os personagens se aproximam do céu, mais iluminada a amada fica, tornando impossível olhar para ela. A questão principal é se Dante conseguiria encontrar Deus, uma vez que Beatriz já era uma figura que dificilmente poderia ser encarada em virtude de sua luminosidade.

O livro todo pode ser considerado um estudo sobre o período da transição da Idade Média para o Renascimento na Itália, e o momento histórico de escrita era de embate entre o homem e todos os conceitos de comportamento estabelecidos até então. Um exemplo explicitamente discutido na obra é o Estado *versus* Igreja. É muito comum ouvirmos que Dante se vingou de seus inimigos, pois, afinal, escolheu, ao menos pela escrita, o lugar de cada um deles no pós-vida.

A Editora Peirópolis, que publicou o *Auto da barca do inferno em quadrinhos*, também editou *A divina comédia* de Dante Alighieri em uma versão em quadrinhos. A representação gráfica contribui para o entendimento de um texto de difícil acesso para o leitor comum. Um exemplo são as cores que se modificam, à medida que se passa do Inferno – cores escuras e aspecto sombrio – para o Purgatório e o Céu – tonalidades vibrantes.

É importante ressaltar que o a edição em HQ apresenta a união entre exatidão, característica da linguagem dos quadrinhos, e a densidade da obra de Dante, sem alterações do texto original. Desse modo, a aventura medieval ganha uma nova forma de interpretação e chega às mãos de um público mais abrangente.

LENDA MITOLÓGIA DE CARONTE

A lenda da mitologia grega conta que Caronte foi amaldiçoado por Zeus por ter roubado a caixa de Pandora, jarro que continha todos os males mundanos. Sua sina consistiria em servir como barqueiro de almas, isto é, levar todas as almas para o mundo dos mortos navegando pelos rios Estige e Aqueronte, os quais dividem o mundo dos vivos e dos que já se foram. O destino da viagem com as almas era Hades, deus do reino dos mortos, representado como insensível e repugnante.

Dizem ainda que o barqueiro levava apenas aqueles que pudessem pagar e que, por isso, os parentes do morto costumavam guardar o dinheiro na boca do cadáver. Caronte rejeitava prontamente qualquer um que estivesse desprevenido e só levava vivos no caso de terem um ramo de ouro da árvore de Prosérpina. A história conta que, durante um ano, ele ficou exilado nas profundezas do Tártaro por ter navegado com Hércules sem que este apresentasse o famoso ramo.

O mito descreve o personagem como enigmático: velho descuidado, de barba branca emaranhada, rosto sujo e sombrio. A única coisa capaz de tirar seu trabalho da rotina seriam situações em que um vivo tentava entrar no submundo. Filho da noite e das sombras, Caronte fazia seu barco avançar com uma vara, sempre enferrujado. Apesar disso, o nome do personagem significa "brilho intenso", fazendo referência ao olhar particular que as pessoas apresentam segundos antes de morrer.

DIÁLOGOS DOS MORTOS, DE LUCIANO DE SAMÓSATA

A obra de Luciano de Samósata (c.125-181) é, provavelmente, o primeiro texto literário a abordar o misterioso caminho entre a vida e a morte. Em uma embarcação, o filósofo Menipo – personagem real presente no livro – ridiculariza todos os passageiros que choram seu trágico destino. Hermes, deus mensageiro e protetor dos ladrões, também é protagonista e leva ordens pelo submundo. A crítica social é um dos principais temas tratados na obra, e intolerância e aceitação de crenças tradicionais sem muitos questionamentos também são alvo de ironia do escritor.



ENTRA, ENTRA

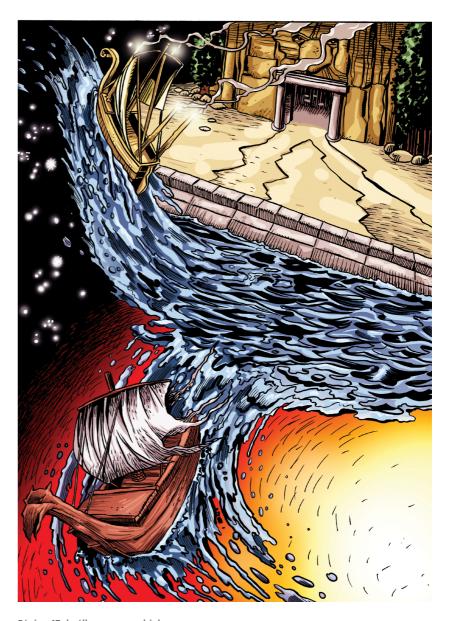
AGORA NÃO SEI QUE É ISSO.

Página 43 do álbum em quadrinhos.

Luciano influenciou muitos escritores em épocas diversas. Gil Vicente e Luís de Camões, por exemplo, utilizaram a lucidez e o verdadeiro estudo histórico sobre o tempo de Luciano para a construção de suas narrativas. Dividido em pequenas conversas, *Diálogos dos mortos* conta com uma interessante combinação de mitologia grega e elementos mundanos que favorece o encontro entre deuses e meros mortais.

Uma das principais conclusões a que se chega com a leitura do livro é a semelhança entre todos na experiência pós-vida, ou seja, a surpresa pela condição de esqueleto igualar todos os personagens. Para serem aceitos no mundo dos mortos, todos devem se apresentar da forma mais simples possível. Caronte, barqueiro que transporta as almas, proclama Menipo como guardião do barco. Nessa cena, a semelhança entre o parvo do *Auto da barca do inferno* e Menipo explicita a inspiração de Gil Vicente.

Outra crítica importante diz respeito à relação entre pobres e ricos. Em uma das conversas, Menipo expõe três poderosos reis que se recusam a se desvencilhar de bens terrenos e deixa claro a sua reprovação aos jovens que se aproximam de pessoas mais idosas para serem designados como herdeiros. Além disso, em outro momento da obra, dois personagens conversam e acabam se dando conta de que só tinham muitos amigos por serem donos de grandes posses.



Página 47 do álbum em quadrinhos.

OS SETE PECADOS CAPITAIS

Os sete pecados capitais são um conjunto de símbolos centrais da cultura cristã ocidental e representam formas de compactuação com o que há de mais indesejado na doutrina católica. Sugerimos realizar a leitura da descrição dos pecados em conjunto com a visualização da obra *Os sete pecados mortais e os quatro novíssimos do homem* (Hieronymus Bosch, c. 1500), em que o artista do Renascimento nórdico retrata em uma mesa os sete pecados capitais, em profundo diálogo com a narrativa do *Auto da barca do inferno*. Os sete pecados capitais são:

• Soberba: associada à vaidade e à arrogância, a soberba é a ilusão de superioridade em relação aos outros seres humanos. Segundo a mitologia católica, foi a soberba que fez com que Lúcifer desejasse se tornar maior que Deus. A falta de modéstia e a exaltação de valores próprios, que muitas vezes são aumentados desproporcionalmente para trazer brilho a quem fala, são exemplos de soberba. A soberba é o orgulho exagerado, descabido, autopronunciado; é o desequilíbrio da autoestima para cima. O contrário da soberba é a humildade. No texto de Gil Vicente, o personagem que representa a soberba é o fidalgo, dom Henrique.

- Avareza: também conhecida como ganância, é o apego excessivo aos bens materiais, o desejo constante e insaciável de aumentar as riquezas terrenas. Essa prática é acentuada em nossa sociedade consumista, mas já existe desde tempos remotos, constituindo parte da natureza humana. O desejo de se ter mais do que o necessário e a prática da exploração e do acúmulo excessivo são o centro desse pecado capital. O contrário da avareza é a caridade, valor de alta importância para a Igreja Católica. No *Auto da barca do inferno*, quem personifica a avareza são o corregedor e o procurador.
- Preguiça: a falta de esmero, capricho, dedicação e empenho é condenada na doutrina católica através desse pecado, a preguiça. O trabalho diligente, responsável e caprichoso é valorizado pela tradição cristã, e sua falta representa uma fraqueza de caráter do fiel católico. A palavra vem do latim "acedia", que significa exatamente "um estado inerte, sem dor nem preocupação". Essa prostração e abatimento não são bem vistos pela Igreja, considerando-se que o trabalho, a realização, a oração, a dedicação à fé são princípios do cristianismo. O oposto da preguiça é a virtude da diligência. Aquele que retrata o pecado da preguiça no *Auto da barca do inferno* é o enforcado.

- Ira: também conhecida como cólera, a ira se realiza no sentimento humano de externar o ódio ou a raiva por algo ou alguém. É o desejo de causar mal ao próximo, de afligir o outro. Um dos pecados mais intensos e violentos, é compreensível o motivo desse sentimento figurar no rol dos pecados condenados pela Igreja Católica. Os ensinamentos bíblicos de Jesus mostram que a virtude da paciência o oposto da ira é um dos fundamentos da convivialidade harmônica, da comunhão da vida com os outros. Aquele a quem falta paciência e sobra ira está destinado ao inferno nessa mitologia cristã. No *Auto da barca do inferno*, a ira é protagonizada pelo sapateiro.
- Luxúria: o desejo insaciável de prazeres carnais e materiais é chamado de pecado da luxúria na tradição católica. É o deixar-se dominar pelas paixões, pela irracionalidade, pela volúpia, pela sexualidade. A luxúria está relacionada à lascívia, à sensualidade, à libido, ao deleite sensual. O pecado da carne está diretamente ligado a um dos mitos fundadores da tradição católica, que é a história de Adão e Eva, expulsos do Paraíso por provarem do fruto proibido. A relação dos seres humanos com essa questão dos prazeres corporais nunca foi bem vista pela Igreja Católica, que em sua leitura platônica divide corpo e alma, priorizando a alma, o espiritual, o transcendente e o eterno, em detrimento do corpo, terreno, carnal, finito e impuro. A luxúria é representada no livro pelo personagem da alcoviteira, Brísida Vaz.

- Inveja: o desejo exagerado por bens, *status*, habilidades e relações de outras pessoas é o pecado da inveja. Na tradição católica, cobiçar aquilo que é de outrem configura um grave desvio em relação à postura correta. O contentamento com o que se tem é um dos princípios ensinados na Bíblia, e a avidez por aquilo que falta é sintoma de um espírito egoísta e insaciável. Essa descomedida ambição por aquilo que é do outro é contrária ao que o ensinamento bíblico prega. Aquele que manifesta esse tipo de sentimento está fadado a ser condenado ao inferno. O contrário da inveja é a bondade. No livro, a inveja é representada pelo judeu, que também é condenado como herege.
- Gula: a gula é a insaciabilidade do desejo por alimentos e bebidas. Por extensão, outros itens, como as drogas, também podem ser enquadrados nesse pecado. Vício irreprimível e interminável de comer e beber, a gula é malvista pela Igreja Católica, ainda que não ocupe posição tão malquista como a dos pecados da soberba e da avareza. A gula está relacionada ao egoísmo, que é uma característica desvalorizada na tradição cristã, porque quem não se satisfaz com o que tem de alguma forma está cobiçando o que não tem, praticando assim um ato condenável pelo cânone católico. O contrário da gula é a temperança, o comedimento, a moderação. No livro, quem representa a gula é o parvo. No entanto, ainda que tenha pecado, ele é redimido e aceito na Barca do Céu, porque, nas palavras do anjo, "em todos teus fazeres e malícia não erraste". A ingenuidade e a inocência são o motivo da remissão do parvo.

PECADOS CAPITAIS MODERNOS

Você sabia que os pecados capitais foram atualizados recentemente pelo Vaticano, sede da Igreja Católica? Em 2008, o papa Bento XVI incluiu novos itens na lista de proibições católicas. É interessante notar que, diferentemente dos pecados anteriores, os novos comportam também uma dimensão social para além das questões individuais. Isso comunga com o esforço atual da Igreja para atualizar sua doutrina e seus preceitos, para acompanhar um mundo globalizado em constante transformação. Os pecados capitais modernos são:

• Manipulação genética: com o desenvolvimento de biotecnologias que possibilitam intervenções nos genes de seres vivos, surge um novo debate acerca da bioética, a forma de julgar até onde se pode ir com essas tecnologias para se preservar algumas características essenciais à civilização. Na visão da Igreja Católica, essas modificações genéticas seriam uma forma de interferência no âmbito criativo de vida, que é monopólio de Deus. Portanto, quando o ser humano tenta modificar a genética de plantas e cria artifícios de engenharia genética para os próprios embriões e fetos humanos, há uma tentativa de usurpar um poder que é exclusivo do Criador, segundo a tradição católica. Podemos dizer, então, que a Igreja encara a manipulação genética como uma forma de "brincar de Deus", o que configura um pecado em nossa sociedade contemporânea.

- Poluir o meio ambiente: por entender que a questão ambiental atinge toda a humanidade, o Vaticano tem tido um posicionamento recente muito incisivo com relação à gravidade da poluição ambiental e da destruição de recursos naturais. O papa Bento XVI já fazia apelos à população, às empresas e aos governantes para jogar luz sobre essa questão, e o papa Francisco, mais recentemente, destacou-se por trazer essa pauta com ainda mais veemência. O avanço nítido do aquecimento global, a destruição de importantes áreas florestais, como a Amazônia, além da contaminação de rios, lagos, mares, aquíferos e oceanos, colocam em risco a continuidade da existência da humanidade. Por se tratar de uma questão social, isto é, que atinge todas as pessoas, a poluição do meio ambiente passou a ser entendida como pecado moderno pela Igreja Católica.
- Causar pobreza: a prática da usura cobrança de juros foi, por muito tempo, criticada pela Igreja Católica. Hoje em dia, é possível afirmar que, com o avanço do capitalismo tardio e a financeirização de diversas áreas produtivas, os juros preço pago pelo empréstimo do dinheiro são uma das formas de acentuação da desigualdade econômica. A pobreza de recursos econômicos é um dos grandes males de nossa sociedade contemporânea, e a conversão dessa prática de expropriação excessiva em pecado condiz com uma linha de ação da Igreja Católica, para quem, a exemplo de Jesus Cristo, o modelo é a caridade, a divisão dos bens e riquezas e a vida em comum. Portanto, as práticas que causam e acentuam a pobreza em nossos dias, além de serem moralmente questionáveis, são qualificadas pela Igreja Católica como pecados modernos.

• Ser muito rico: esse pecado moderno está em profundo diálogo com o tópico anterior, porque se enquadra na mesma questão de acentuação das desigualdades. Para dar um exemplo, o Índice de Gini, importante indicador de desigualdades econômicas, atingiu patamar de 0,53, no Brasil, em 2017 ². É preciso considerar que o índice varia de 0 a 1 e, quanto mais próximo de 1, mais acentuada é a desigualdade. Se o índice chegasse a 1, representaria a concentração absoluta de todas as riquezas de um país na mão de uma pessoa. Se atingisse 0, haveria igualdade absoluta de divisão dos recursos em proporções iguais para todas as pessoas. Assim, o que vemos é um número expressivo de desigualdade nacional. Para agravar a questão, poderíamos comparar os países do Sul Global, em desenvolvimento, com os do Norte Global, industrializados e desenvolvidos, e veríamos que a desigualdade se acentua ainda mais. Portanto, para evitar mais rupturas da nossa sociedade já tão cindida, a Igreja entendeu por bem retomar a condenação da riqueza excessiva, em diálogo com o pecado tradicional da avareza.

• Usar drogas: segundo o monsenhor Gianfranco Girotti, responsável pelo tribunal da Cúria Romana, "a droga enfraquece a psique e obscura a inteligência, deixando muitos jovens fora do circuito da Igreja"³. Segundo esse

do,um%20%C3%ADndice%20Gini%20de%2063. Acessado em 11/9/2020.

pensamento, poderíamos enquadrar essa forma moderna de pecado no conjunto da luxúria e da gula, porque as drogas exercem forte ação sobre o corpo humano e gera vícios diversos, levando ao consumo compulsivo e repetitivo. De fato, há muitas possibilidades de leitura sobre essa questão das drogas, porque o universo de elementos que podem ser encaixados nessa categoria transita entre os ilícitos e os lícitos – como, por exemplo, o álcool e o tabaco. Assim, a dependência de substâncias para satisfazer os prazeres carnais já era malvista pela Igreja Católica e, agora, passa a configurar um pecado capital moderno.

• Causar injustiça social: esse item condensa grande parte das críticas sociais que a Igreja Católica tece em sua nova lista de pecados capitais; afinal, a abrangência do novo rol está relacionada às atitudes que impactam a sociedade como um todo. De certo modo, há uma diferença significativa em relação aos pecados anteriores, visto que eles diziam respeito a atitudes individuais. Agora, punem-se atitudes que agravam os acirramentos já existentes em nossa sociedade. A injustiça social pode se manifestar em muitos estratos: ambiental, social, econômico, político... e, a partir dessas formas de injustiça, a sociedade se divide ainda mais, fazendo com que poucos tenham muito e muitos tenham pouco. Assim, esse sexto pecado moderno é abrangente e condena aqueles cujas ações causam injustiças sociais, discriminações inadequadas e diminuição da distribuição justa e equitativa de bens e recursos.

² Disponível em: https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/12/09/brasil-e-o-7-mais-desigual-do-mundo-melhor-apenas-do-que-africanos.htm#:~:text=Em%202017%2C%20o%20%C3%ADndice%20

³ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080310_novopecado_np. Acessado em 11/9/2020.

5. SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Agora você já está preparado para conduzir atividades com a sua turma de alunos e também tem à disposição diversas sugestões de aprofundamento. Para continuar o aprendizado sobre questões complementares à obra *Auto da barca do inferno*, preparamos aqui uma série de indicações que dialogam com o texto vicentino e com os discursos que serão trabalhados com os alunos. Entre as sugestões de referências complementares, você irá encontrar músicas e obras de artes visuais, que, apesar de terem sido compostas em momentos distintos, estão em consonância com os discursos da peça de Gil Vicente.

Comecemos pelo mural *Juízo final*, de Michelangelo (1475-1564), que adorna a Capela Sistina. Ele ocupa a totalidade da parede principal, localizada atrás do altar, e foi feito em função do discurso contrarreformista que encontramos também no *Auto da barca do inferno*. Michelangelo já tinha produzido os afrescos do teto da Capela Sistina de 1508 a 1512, deitado em andaimes erguidos a vinte metros de altura, realizando uma proeza artística que até hoje atrai milhares de turistas que visitam a principal capela do universo católico. No entanto, com a Reforma Protestante que se iniciou em 1517, com as 95 teses de Martinho Lutero (1483-1546), Michelangelo passa a atender um novo discurso da Igreja Católica, que unia esforços para manter seu público fiel.

Assim, o que vemos no *Juízo final*, executado de 1536 a 1541, é uma proposta estética diferente da encontrada no teto da

capela. Enquanto na sua obra do início do século o que percebemos é a busca da representação naturalista, com foco na pintura de personagens, padronagens e cenários que imitam com precisão a natureza como ela é, no mural atrás do altar distinguimos variações e diferenças significativas. Vejamos: alguns personagens apresentam formas corporais distorcidas; os volumes compostos pelas figuras da cena criam uma espécie de movimento de massas centralizado na imagem de Jesus Cristo; a composição traz uma intensidade narrativa de acordo com a cena, na qual cabe ao Cristo todo-poderoso decidir quem será redimido dos pecados e conduzido ao céu e quem será condenado ao fogo do inferno; ao lado de Jesus, que ocupa a posição central e em torno de quem se forma uma espécie de vazio que



acentua sua força, está Maria, mãe de Deus, que roga clemência a Jesus em sua decisão, mas nem esse pedido de misericórdia parece ser ouvido pelo Cristo que julga o destino final dos humanos.

A obra de Michelangelo é perfeitamente dividida ao meio, com os personagens à esquerda de Cristo, de quem observa o mural de frente, em movimento de ascensão aos céus. Repare também na parte inferior, em que anjos ajudam a resgatar as almas dos mortos que saem das tumbas. Note ainda no canto inferior esquerdo o anjo que puxa com o rosário duas almas que serão salvas e levadas ao céu. Por outro lado, à direita podem-se ver aqueles que serão condenados, e na parte inferior uma representação do inferno inspirada na *Divina comédia* de Dante em que aparecem personagens como Caronte e Minos, figuras da mitologia grega. Observe também os cantos superiores da obra, onde aparecem os símbolos da Paixão: a coluna em que Jesus foi flagelado e a cruz em que ele foi morto.

O afresco *Juízo final*, de Michelangelo, representa uma cena fundamental para a tradição católica, o momento em que será decidido o futuro da humanidade, o destino de cada ser humano, de acordo com suas virtudes e pecados, julgados a partir de seus comportamentos terrenos e espirituais. Esse tema, que já carrega grande dose de emoção, é representado pelo artista com ainda mais dramaticidade, presente na intensidade do movimento que desloca todas as massas exibidas na obra. Essa característica da obra de Michelangelo revela mais uma diferença em relação ao seu trabalho anterior, o teto da Capela Sistina: antes, Michelangelo pintava de

acordo com os princípios do Alto Renascimento, buscando a perfeição da representação, em detrimento da emoção da obra; já no *Juízo final*, o artista deixa de lado a precisão do naturalismo para dar ênfase à emoção e à dramaticidade da cena, abrindo espaço para o que viria a ser o Maneirismo, movimento da história da arte posterior ao Renascimento.

Note que esse discurso estético que aparece na pintura de Michelangelo está diretamente relacionado à tentativa da Igreja Católica de ensinar a sua moral aos fiéis. A busca por maior emoção na representação artística também traz consigo uma tentativa de acentuar o discurso do medo do juízo final, uma das estratégias da Igreja para enfrentar a fuga de fiéis que ocorria por causa da Reforma Protestante. Aqui, o personagem de Cristo já não é pacífico e harmonioso, protetor de todos. Pelo contrário, sua feição é mais exasperada, pronto para condenar os pecadores ao eterno fogo do inferno.

Para percebermos a atualidade dessa questão retratada no *Juízo final* de Michelangelo, vejamos duas músicas recentes: a primeira leva o mesmo nome do afresco e é uma composição de Nelson Cavaquinho (1911-1986). Repare neste trecho da música, em que o artista fala exatamente sobre a disputa maniqueísta entre o bem e o mal no momento decisivo do juízo final: "É o juízo final / A história do bem e do mal / Quero ter olhos pra ver / A maldade desaparecer". Assim, o compositor brasileiro, um dos grandes nomes do samba do século XX, traz novamente luz a essa questão, demonstrando a sua permanência e atualidade. A música foi regravada por diversos cantores, tão relevantes

como Nelson, tais quais Clara Nunes e Alcione. Recomendamos a você que procure a música na internet para ter maior compreensão dessa representação artística do fenômeno que estamos analisando.

Voltando às obras de artes visuais da época da peça de Gil Vicente, vejamos mais um exemplo de sugestão complementar que pode facilitar a compreensão dos aspectos principais discutidos no *Auto da barca do inferno*. Sugerimos acessar o *site* do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa, em Portugal, e procurar a obra *O inferno*, um óleo sobre madeira do século XVI de um mestre português anônimo. Ela retrata uma cena imaginada do que seria o inferno, de acordo com a concepção vigente naquela época, pautada nos princípios maniqueístas da doutrina católica. Assim, para instaurar o medo do inferno nos fiéis, fato que alicerçava a ideia da necessidade da confissão, da penitência e da fé, as representações artísticas visuais da época mostravam um cenário assustador.

Nessa pintura, então, podemos observar, no centro, uma grande caldeira aquecida por um fogo que esquenta a água e suplicia os pecadores ali encerrados. O próprio diabo aparece ao fundo, sentado em uma espécie de trono africano, com aspecto de quem se deleita com o sofrimento dos hereges. Usa um adorno de penas ameríndias na cabeça e sua trompa de marfim também remete às temáticas africanas. Há, nessa obra, uma representação do inferno com elementos extraeuropeus, em virtude do período histórico – lembre-se de que se vivia a época das grandes

navegações e a colonização da América e da África. Há ainda no quadro alguns seres grotescos, com aspectos animalescos e formas humanoides, infligindo variados tipos de tortura nos pecadores.

No lado esquerdo do quadro, uma criatura maligna usa o fole para avivar a chama que martiriza as mulheres penduradas acima do fogo de ponta-cabeça. A nudez das mulheres bem como seus cabelos deixam explícito que elas representam a Vaidade e remetem às três graças do séquito de Apolo. Outro tipo de tortura está retratado na parte inferior do quadro, em primeiro plano: uma criatura de formas monstruosas parece extrair, com uma espécie de tenaz, os dentes de uma pessoa completamente imobilizada. Por fim, no lado direito, um casal de amantes amarrados pelos braços. Eles representam a Luxúria e parecem ter saído da obra de Dante, o que revela uma pluralidade de fontes de inspiração para a pintura. É importante destacar que todos esses suplícios são parte da mitologia que compunha a ideia medieval de inferno e que a relação com os pecados capitais é direta: para cada tipo de pecado, há uma punição eternamente dolorosa.

Para finalizar essa composição de conceito e representações de inferno, vejamos uma música do grupo brasileiro Nação Zumbi chamada *O Inferno*. Sugerimos que você pesquise essa canção na internet e ouça-a com atenção, reparando no ritmo e na cadência, que lembram a tensão da chegada ao inferno, e também na letra, que está em

profundo diálogo com o que temos discutido. Veja este trecho da composição: "No coração das trevas estou / E já não tenho mais direção / Num labirinto sem cheiro e sem cor / E o braseiro acendendo o chão".

Nota-se que o fogo é elemento central para a representação do inferno, presente desde a pintura portuguesa do século XVI até a música brasileira contemporânea. Além disso, a música mencionada traz a ideia de que o inferno é um labirinto e a ausência de cor e odor só piora a desorientação da voz poética. A letra ainda equipara o inferno às trevas, sinônimo de escuridão absoluta. Veja que a ideia de luz também está manifestada na mentalidade católica, sendo a luz divina oposta às trevas. A escuridão também pode ser distinguida no quadro O inferno, do mestre português anônimo, em sua escolha de tons terrosos, vermelhos e pretos, remetendo a esse ambiente escuro, assustador, hostil e indesejado. Por fim, você vai notar que a música do Nação Zumbi ainda inclui um verso em que se diz que "não demora muito e ele chega pra qualquer um", revelando a fragilidade humana e a suscetibilidade à condenação, o que é extremamente significativo para quem leu o Auto da barca do inferno, visto que praticamente todos os personagens são condenados a embarcarem na nau do diabo.

Por fim, tendo considerado com atenção essas obras visuais e musicais que compõem as sugestões de referências complementares, é possível organizar um raciocínio crítico sobre a construção de um conceito abstrato e sua tangibilização em imagens e sons. Assim, a ideia de inferno, que configura uma parte central da doutrina católica desde a Bíblia e, sob forte influência da mentalidade medieval, aparece retratada no *Auto da barca do inferno*, permanece atual e presente em diversas representações artísticas. A seguir, você encontrará recomendações de bibliografia complementar, com comentários, para que a sua pesquisa sobre o assunto possa ganhar ainda mais profundidade.







6. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Trazemos aqui uma série de indicações de dissertações de mestrado e teses de doutorado assim como artigos acadêmicos que podem auxiliar sua pesquisa sobre o tema debatido neste manual. Buscamos pesquisas realizadas em grandes instituições de ensino e que estejam em diálogo com os temas aqui abordados. Em nossa lista de bibliografia comentada você encontrará pesquisas sobre a obra de Gil Vicente, sobre o gênero das HQ, sobre questões pedagógicas, bem como contextualizações com outras áreas do saber, como a pintura.

Além desses materiais recomendados aqui, vale continuar a pesquisa em *sites* como o banco de teses da USP (teses. usp.br), da Unicamp (repositorio.unicamp.br) e da Unifesp (repositorio.unifesp.br), e ainda na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) (scielo.br), no Google Acadêmico (scholar.google.com.br). Esses *sites* e os de outras universidades garantem a precisão científica dos materiais e pesquisas, dando segurança aos conteúdos a serem ensinados em sala de aula.

"AUTOS DE GIL VICENTE: RECEPÇÃO", DE REGINA DE MIRANDA MUKAI REIS, 2009.

Partindo de pressupostos como o distanciamento dos alunos em relação à leitura até o Ensino Médio, o artigo apresenta estratégias que visam aprimorar a aprendizagem da literatura clássica, especialmente do gênero textual dramático.

A autora sugere inverter o caminho do estudo, partindo da obra e seu autor para o período literário, em vez do contrário. Seu objetivo é auxiliar na formação de leitores críticos e capazes de questionar as ideias apresentadas pelos autores dos livros. Para isso é usada como base a teoria da Estética da Recepção criada por Jauss e Iser, pensadores da área da educação.

"A DIDÁTICA DO AUTO DA BARCA DO INFERNO", DE SANDRA ISABEL BONITO MACHADO, 2013.

Como professora de língua portuguesa, Sandra enfrentou as dificuldades de atrair os alunos com conteúdos programados para serem ensinados de forma tradicional. Por isso, seu estudo se volta à melhoria de práticas pedagógicas para chamar a atenção dos jovens.

O artigo é dividido em duas partes: na primeira, é exposta uma reflexão a respeito da falta de entusiasmo dos estudantes com relação à leitura; num segundo momento, é apresentada uma pesquisa com vinte e cinco professores da mesma disciplina e de diferentes escolas sobre o tratamento pedagógico dado à obra *Auto da barca do inferno* e suas sugestões são levadas em consideração quanto à aplicação prática.

Nesta última parte também são expostas estratégias para o ensino inovador de um conteúdo antigo. A autora apresenta a importância do domínio do Webquest, metodologia de pesquisa orientada para a utilização da

internet na educação, e evidencia a possibilidade de utilização desse sistema como recurso pedagógico.

"O AUTO RELIGIOSO VICENTINO EM DIÁLOGO COM A PINTURA", DE ALEXANDRE HUADY TORRES GUIMARÃES, 2007.

Apresentando características do medieval ao renascentista, a obra de Gil Vicente retrata a religiosidade católica, predominante na cultura europeia, e a arte como instrumento de catequização em qualquer uma de suas formas e manifestações: pictórica, literária, musical, entre outras.

No artigo de Huady Torres, são selecionados três autos que destacam a temática do ciclo da vida, do nascimento à morte: *Auto de Mofina Mendes, Auto da alma* e *Auto da barca do inferno.* O objetivo é que discussões sobre tais questões sirvam como ponto de ligação entre a religião e a pintura.

O processo metodológico de análise de Alexandre, nesse caso, é composto por pressupostos teóricos oriundos de pensadores como Bakhtin e Kristeva e da investigação a respeito da literatura comparada e da Gestalt.

"HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS, RESULTADOS E DADOS", DE FÁBIO DA SILVA PAIVA, 2016.

O trabalho conta a narrativa das histórias em quadrinhos e as associa com os avanços da educação. Além disso, são apresentadas as percepções e vivências de professores e doutorandos em educação a respeito das HQ no ambiente pedagógico.

Os conceitos de Charlot e Brandão, pesquisadores da área; os trabalhos de Barros Filho, e as teorias de Vergueiro e Luyten são utilizados na análise de pesquisas de educação, comunicação e quadrinhos. Além disso, há uma lista do uso do objeto de pesquisa em iniciativas governamentais.

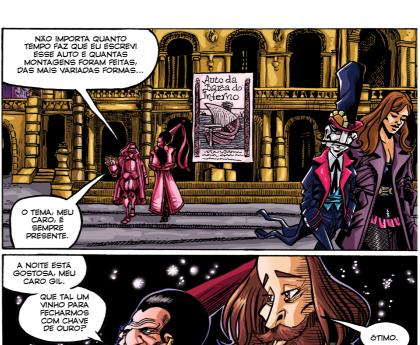
O autor conclui que as HQ são mais atraentes para os estudantes e que tanto educadores quanto o governo já fazem uso delas no campo educacional. Apesar disso, a prática parece ainda enfrentar dificuldades. Como solução, é proposta a inserção da disciplina Quadrinhos no Ensino Superior de docentes, bem como a ampliação da análise de quadrinhos nas escolas como atividade curricular ou extracurricular.

"A IMITAÇÃO DO CORPO NO AUTO DA BARCA DO INFERNO", DE JAQUESON LUIZ DA SILVA, 2011.

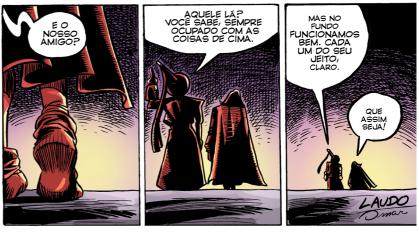
O estudo parte do Auto da barca do inferno, com a intenção de abordar questões como a possibilidade de distinguir os lugares daquele que lê ou escreve na estrutura de textos a partir da memória e da ação, o que significa encontrar o corpo em uma realidade textual.

A intenção principal do autor é identificar o corpo de cada personagem mais pelas falas pronunciadas do que pelos elementos e movimentos indicados nas rubricas do texto teatral. A hipótese é que, assim, seja possível estabelecer uma conexão mais efetiva entre os princípios dramatúrgicos centrais de Gil Vicente e a releitura realizada por um ator em processo de estudo do texto. Investe-se mais na absorção das imagens poeticamente desenvolvidas pelo dramaturgo do que nas informações técnicas que estruturam formalmente o texto.

Um aspecto importante do estudo é a valorização das características estilísticas da linguagem utilizada por cada personagem da obra, o léxico empregado e seu lugar de fala na sociedade humanista portuguesa.







Página 50 do álbum em quadrinhos.

